

O ENIGMA DA LEITURA NO BRASIL : AFINAL, QUANDO COMEÇAREMOS A DESVENDÁ-LO? (I)

EZEQUIEL T. DA SILVA *

JAMES P. MAHER *

RESUMO

Este artigo pretende chamar a atenção dos educadores e pesquisadores educacionais para a problemática da leitura no Brasil. Os autores sugerem que o desconhecimento do professor quanto às variáveis inerentes ao processo de leitura seja talvez uma das principais causas da «Crise da Leitura» no Brasil. Os autores ainda propõem uma lista pressupostos básicos, que releva a importância da leitura do contexto educacional e a necessidade de mais pesquisas na área.

SUMMARY

The purpose of this article is to focus attention upon reading problems present in the Brazilian educational system. The authors suggest that the educators' lack of knowledge and understanding of the salient variables involved in the reading process is perhaps one of the main causes of the «Brazilian Reading Crisis». The authors also propose a list of basic assumptions which emphasizes the importance of reading within the educational context and the need for more research devoted to this problem.

De nossas incursões no campo da leitura emergiram algumas idéias que, embora apresentando nuâncias tragicômicas, servem para introduzir a problemática da leitura. Propomos um início em forma de narrativas esparsas porque a escassez de pesquisas sobre leitura no Brasil assim o exige — nossas vivências transformaram-se, assim, nos melhores índices de evidência para uma abordagem crítica desse óbvio enigma chamado leitura.

Afirmamos ser a leitura um óbvio enigma, porque a maioria dos professores brasileiros, de qualquer nível de ensino, exige leituras por parte de seus alunos, mas sem realmente saber as variáveis (intrapessoais e situacionais) que estão envolvidas no processo. As universidades, em seus cursos de formação

de professores, não fornecem disciplinas voltadas ao estudo específico da leitura.

Nestes cinco anos de pesquisa e docência na universidade, notamos que o «não ler como realmente se deve» e que as afirmações do tipo «odeio ler ou tenho preguiça de ler» têm aumentado na mesma proporção em que as faculdades brasileiras veem colocando professores mal preparados no mercado, ou, porque não dizer, na mesma proporção em que o trabalho do professor aumenta e o seu salário diminui.

De problema, o NAO — LER se transformou em doença para atingir, no momento, a categoria de epidemia... O curso «mastigadinho» ou «totalmente apostilado», comumente utilizados até em comerciais de televisão, demonstram muito bem o alastramento dessa onda epidêmica que afasta o leitor dos livros, principalmente naquilo que diz respeito ao levantamento de informações para a produção de trabalhos

* Da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas

escolares. Talvez as empresas especializadas em montagem e venda de teses de mestrado sejam também um fruto desse distanciamento...

Quando os professores de pós-graduação de uma faculdade relataram que seus alunos tinham grande dificuldade na decodificação dos textos propostos, não nos surpreendemos muito, porém, chegamos a perguntar: «Na pós-graduação TAMBÉM?» O fenômeno da transferência de responsabilidades de ensino parece não estar respeitando nem mesmo os altos escalões da educação brasileira!

Em aulas ou em encontros de leitura, continuamente corroboramos o fato de que grande parte dos alunos, embora alfabetizados e capazes de identificar palavras, não possuem as habilidades mais críticas de leitura; estes instrumentos lhes possibilitariam a síntese de idéias veiculadas através de diferentes fontes em trabalhos escritos idiossincráticos. O despreparo para a leitura eficiente gera também situações trágicas ou racionalizações diretas: uma aluna nos perguntou o que deveria fazer para não dormir durante o ato de leitura (recomendamos que comprasse um despertador); outro aluno nos disse que seus olhos desciam a página impressa, mas sua mente, não; um outro queixou-se bastante, pois não conseguia ler densos textos de física na mesma velocidade em que lia Seleções e Fotonovelas. A presença do leitor manco — aquele que não sabe se organizar — pervade todos os níveis educacionais, principalmente pela ausência de instrução adequada e de pesquisas específicas que norteiem as ações do professor.

Leitura é um meio para a aquisição de novos significados; é uma constelação de habilidades aprendidas (aprender a ler) que o indivíduo coloca em prática para retirar o significado da página impressa (ler para aprender), de acordo com um propósito. Isto posto, verificamos que algumas das habilidades cruciais de leitura não foram devidamente desenvolvidas em nossos alunos, o que gera não só frustração de leitura, mas também um desinteresse total pela informação veiculada através do código escrito.

Uma pesquisa realizada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo(1) revelou que o livro, e portanto a leitura, coloca-se em 3º lugar na preferência dos alunos, naquilo que diz respeito à busca de informações, entre os vários meios de comunicação. Os resultados do teste de leitura (proposto a uma amostra de alunos do curso básico) apontaram uma dificuldade na decodificação de uma narrativa simples retirada da revista VEJA. Os produtos resultantes da leitura de uma passagem dissertativa retirada de um livro-texto foram ainda mais desanimadores. Uma

(1) Rocha e Silva, Elza Miné & Outros. *Diagnóstico das dificuldades de redação e leitura dos alunos do curso básico da PUCSP*. 1976 (não-publicada).

das perguntas levantadas pelo grupo-pesquisa da PUCSP, no que tange às implicações da investigação, relacionam-se com o objetivo da universidade em querer formar alunos com a chamada «atitude crítica». Criticidade requer pelo menos, o conhecimento da organização de linguagem que expresse as idéias. Como podem então os alunos se posicionarem, se a grande maioria ainda apresenta dificuldade na decodificação (e que dirá na codificação) de textos dissertativos? Lembramos aqui que o estabelecimento do tipo de organização da linguagem é uma outra habilidade de leitura que já deveria ter sido ensinada ao aluno em níveis anteriores. Daí, também, o aparecimento dos cursos de recuperação do Português a nível de universidade.

As experiências que aqui relatamos nasceram de situações estritamente universitárias. Outros pesquisadores deveriam investigar e propor mudanças a nível de primeiro e segundo graus — se tomarmos o produto das escolas médias que chega à universidade, veremos que aquilo que se chama *leitura* nada mais é do que o processo de alfabetização, ou seja, identifica-se o aluno-leitor com o aluno alfabetizado, e é só! Não existe no nosso sistema educacional, e aqui uma hipótese desafiadora, um programa sequencial e hierarquizado de leitura, contendo as habilidades necessárias para a formação do leitor crítico: um ser que se renova e se posiciona diante da realidade. A morte desse leitor se faz em ritmo de camaralenta, ao longo de todo o processo educacional.

Evidência mais contundente dessa agonia em camaralenta surgiu quando fomos convidados a participar em cursos de especialização de professores em duas cidades interioranas. Importante ressaltar o fato de que a idéia nos pareceu interessante, pois teríamos contacto direto com professores de comunicação e expressão — gente que propunha situações de leitura à crianças e adolescentes. Depois de cinco aulas sobre a TEORIA DO SIGNO, três das professoras nos procuraram, dizendo que seus alunos não estavam compreendendo bem a matéria. Perguntamos então quais as séries que ensinavam e os conteúdos propostos. Assustamo-nos bastante quando as professoras disseram que davam aula para a 7ª série do 1º grau e que estavam simplesmente repetindo aquilo que nós havíamos fornecidos no curso até aquele momento: os pressupostos teóricos básicos de PEIRCE sobre a Teoria do Signo.

Apontamos como uma das falhas principais no desenvolvimento do aluno — leitor em nossas escolas, o desconhecimento quase completo do professor no que diz respeito às variáveis envolvidas no processo de leitura. Isto, somado à pseudo-política do livro didático, faz com que a leitura seja transformada em mera casualidade dentro da guerra dos meios comunicacionais tão preponderante no Brasil — se os

programas de televisão e rádio emergem de pesquisas de opinião pública, o consumo de livros é estabelecido a bel-prazer, sem pesquisas que o resguarde. (*)

Por outro lado, as faculdades que formam professores não incluem (com raríssimas exceções) em seus currículos um curso que trate a leitura em todos os seus aspectos — exige-se muito produto literário-teórico, mas não se trata ou se instiga um conhecimento maior de processos, neste caso leitura e redação. Os professores são forçados a aprender na prática a facilitação da leitura: ou imitam bons professores ou seguem instruções de manuais de livros didáticos, que, na maioria das vezes, deixam muito a desejar.

Numa sociedade que pretende atingir a educação pública universal, todo esforço deve ser feito a fim de permitir que o aluno se transforme num leitor crítico. Este objetivo somente pode ser totalmente compreendido quando lembramos que todo aluno tem potencialidade para decodificar a linguagem escrita e para derivar satisfações de leitura.

Alistamos abaixo algumas afirmações que, de uma maneira ou outra, demonstram a importância da leitura dentro do processo educativo do indivíduo e, ao mesmo tempo, indicam a necessidade de mais pesquisas sobre a leitura realizada pelo aluno brasileiro.

(*) Os autores localizaram somente 27 pesquisas sobre leitura no Brasil. Num próximo artigo relatarão as conclusões dessa revisão bibliográfica.

1. Leitura é um fator essencial a qualquer área do conhecimento e mais essencial ainda à própria auto-realização do indivíduo.
2. Leitura está intimamente relacionada ao sucesso acadêmico do aluno; e, contrariamente, à evasão e frustração escolar.
3. A facilitação da aprendizagem eficiente da leitura é o único meio que o professor dispõe para combater a massificação implementada pela televisão brasileira. Mesmo com a presença marcante de outros meios de comunicação, o livro permanece como o mais importante veículo para a transmissão, transformação e criação de cultura.
4. Leitura é o principal fator de socialização, de discussão e de crítica do sistema educacional brasileiro. Nosso contexto ainda está longe de outros recursos de facilitação da aprendizagem; ainda dependemos do livro didático!
5. Leitura é uma necessidade prática dentro e fora da escola.
6. Leitura, possibilitando aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de repertório, é o único meio de desenvolvermos a originalidade e a criticidade de nossos alunos.

Sem pesquisas significativas na área da leitura, dificilmente conseguiremos combater a onda epidêmica e propor estratégias de salvamento.

[Recebido para publicação em novembro de 1977]